

Da vontade.

Na semana passada discutimos a relação ambivalente entre filosofia e Zeitgeist. Um aspecto dessa relação é o fato que a filosofia antecipa e portanto provoca o Zeitgeist de uma época futura. Os primeiros filósofos da atualidade devem ser portanto procurados no século passado. São a um tempo profetas e criadores do espírito do nosso tempo. Se me decidi por Schopenhauer como bisavô do nosso pensamento, fiz essa decisão com toda reserva mental, consciente de tratar-se de uma decisão arbitrária. A influência dos predecessores de Schopenhauer, principalmente de Kant e do grande antagonista schopenhaueriano, de Hegel, continua tremenda, não somente através o próprio Schopenhauer, mas diretamente. Poderia portanto ter começado na segunda metade do século 18. Por outro lado há um aroma de arcaísmo quase patético nesse filósofo romântico, nesse pequeno burguez mesquinho e antipático que se revolta sem êxito contra os seus próprios preconceitos, há nele toda a inautenticidade que resulta do conflito entre teoria e prática, entre os juroes do pequeno capital cuidadosamente aplicado e nirvana. Nada é mais antiquado de que o jornal de ontem, e neste sentido Schopenhauer pertence ao passado. Escolhi Schopenhauer como ponto de partida, porque creio, que com ele começa aquela transferência de interesse da qual falamos na última sexta-feira: o pensamento se torna introspectivo. Ao mesmo tempo surge aquele clima de pessimismo que caracteriza o nosso tempo e que vem a culminar no nojo. Esboçarei em poucas palavras o pensamento schopenhaueriano, tal qual o entendo, para depois tentar a encontrar a nossa geração dentro dele.

O objeto do nosso conhecimento, aquilo que chamamos de "mundo", é uma representação (Vorstellung) da nossa razão, e nunca pode ser alcançada imediatamente, tal qual é (an sich). Isto é um fato básico de toda epistemologia post-kantiana e deveria tornar-se ponto pacífico entre todos pensadores. Aliás, é exatamente isto que os Hindús entendem por "maia". Existe, entretanto, um objeto que forma uma exceção: meu próprio corpo. Este, além de ser uma representação da minha razão, e portanto parte do mundo objetivo, é também por mim experimentado imediatamente, (an sich), a saber como minha vontade. Essa vontade é a força viva que sinto em mim, que me impele a agir, a sentir, a fazer representações, ela é portanto anterior ao pensamento, é o fundamento irracional da razão, um fundamento tao profundo que precisa ser aceito como um datum sem maiores tentativas de explicação, em breve ela é o noumenon, o Ding an sich kantiano, do meu corpo. Como o meu corpo é o único objeto por mim experimentado imediatamente, tenho que concluir, por analogia, que todos os demais objetos que são para mim representações, são, para si mesmos, vontade. Isto é, naturalmente, uma afirmação metafísica, mas de uma metafísica egocêntrica, e Schopenhauer não a receia. O mundo em si (an sich), portanto, é uma manifestação, (objetivada para mim) de um único tremendo impulso de vontade, impulso este que se espalha e ramifica de acordo com o princípio da diversificação. Essa vontade se manifesta nos homens e nos animais como instinto, nas plantas como energia vital, nos cristais como força organizadora, no mundo inorgânico como força física. Bem entendido, se manifesta assim para nós, nós a representamos assim. A essência da vontade é tender para algo, de querer algo, mas, uma vez alcançado esse algo, a vontade continua querendo, um sempre novo algo. Pela sua própria natureza a vontade continua eternamente insatisfeita, a satisfação, a felicidade é impossível, é excluída pela própria natureza da vontade. O homem é a manifestação mais avançada e mais violenta da vontade, o homem é portanto o mais insatisfeito e infeliz dos seres. Ele quer sempre, e nos intervalos entre os diversos querereres surge o tédio, o lado avesso da vontade. Entre essas diversas formas da vontade humana se destaca a ciência, que é a vontade metodicamente disciplinada de organizar as representações de acordo com o princípio da causalidade. É uma vontade a priori frustrada, já que se prende às representações, e nunca a uma vontade legítima, portanto a uma realidade subalterna. Outra forma da vontade humana é a arte, a qual, vindo de profundezas pre-rationais, é um pouco melhor capacitada, (especialmente a música), de apreender a realidade, isto é as manifestações não minhas da vontade. A música é, para mim, a melhor maneira de experimentar a vontade cósmica, é o substituto, portanto, da visão mística no sistema schopenhaueriano. Porém a arte tao pouco traz a felicidade. Ela é vontade e portanto insaciável. A única possibilidade de alcançar a felicidade é matando a vontade. Como vontade e vida são sinônimos, a felicidade reside no suicídio. Como vontade e realidade são sinônimos, a felicidade reside no nada. É o nirvana do qual nos falam os indianos. Isto, o suicídio, a aniquilação, é o sumum bonum. Mas existem valores secundários que resultam da nossa compreensão da infelicidade generalizada do mundo. A nossa vontade nos impele em tres direções: à auto-preservação, a destruição dos outros seres e à misericórdia com os outros seres. Essa terceira direção

Da vontade.

esse amor para com os outros seres, isto é amor para os homens, os animais, as plantas etc. (como Schopenhauer não se cansa de salientar), é um valor subsidiário e deverá reger nossas vidas. Confesso, (isto digo en passant) que não vejo a razão desse valor dentro do sistema schopenhaueriano, não vejo porque ele prefere o amor à destruição, por exemplo. Receio que Schopenhauer é inautêntico, para não dizer hipócrita, em sua ética, impelido, talvez, por seu amor ao seu caniche, único amor verdadeiro de sua vida. O único valor autêntico é indubitavelmente, o suicídio da vontade. De qualquer forma, para Schopenhauer são as relações entre os homens, (e entre homens e animais, igualmente importantes para ele), totalmente ofuscadas pelo dever supremo que o homem tem para si mesmo, isto é sofrer ou matar-se.

Detenhamo-nos um instante diante do quadro dinâmico e deprimente que acabo de desenhar com traços demasiadamente largos. Esse quadro, indubitavelmente, representa a realidade, e nada mais que a realidade. A minha esperança é que não representa toda a realidade. Falta-lhe a dimensão da fé, a despeito de toda a sua religiosidade inerente. É a religião do diabo, do nada. O valor supremo do Ocidente ("Eu sou a vida") é abertamente invertido. Isto porque a vontade e portanto a realidade são concebidas não como princípios transcendentais, divinos, mas como princípios imanentes, aparentemente humanos, mas, conforme creio, realmente bestiais, infra-humanos. A incapacidade schopenhaueriana de distinguir entre homens e animais é, creio, sumamente reveladora. Schopenhauer quer matar a vontade, porque no fundo ele detesta o homem, essa suprema manifestação da vontade, porque para ele o homem é bestial. Schopenhauer ainda está do lado dos bons costumes (um pouco hipocriticamente) mas dele conduz um passo pequeno para a glorificação da vontade e portanto da fera. Se aceitarmos Schopenhauer sem aceitar a sua misantropia, tornaremos tigras. Uma filosofia concentrada sobre o homem forçosamente conduz a este resultado, ou ao seu avesso, o robot. É por isto que considero Schopenhauer o primeiro pensador da atualidade.

O sistema que acabo de esboçar é de uma fertilidade enorme. Considerarei em primeiro lugar a vontade com fundamento da razão, como enorme substrato da alma. Dela surge, necessariamente, o subconsciente freudiano. Aliás o próprio Schopenhauer não está longe de identificar a vontade humana com o sexo, e escreveu inúmeras pequenas obras consideradas no seu tempo como pornografias. Libido é a vontade em sua forma humana. O próximo passo é o Id jungiano, isto é aquela parte da alma humana, a sua raiz por assim dizer, pela qual essa alma está ancorada na vontade universal, da qual é uma manifestação individualizada. Ela é o élan vital bergsonian, para o qual a razão não é uma culminação, (como o é ainda para Schopenhauer), mas um excremento degenerado. Teremos oportunidade de discutir muitas outras consequências da vontade como fundamento da razão nas próximas sextas-feiras. Mas há uma outra possibilidade de encarar esse problema. Se a razão não passa de uma manifestação superficial da vontade, ou, para falar com Kant, se a razão pura é uma manifestação superficial da razão prática, então ela é um instrumento dessa razão prática e sua "pureza" é ilusória. A razão pura é a ponta da lança da razão prática em sua manifestação humana. A razão pura é o instrumento pelo qual a vontade em forma humana conquista o mundo. Estamos em pleno pragmatismo, e evitamos de tornar-nos tigras, para tornarmos-nos robots. Também o processo da dialética, materialista deve muito a este aspecto automático da vontade cósmica, talvez sem saber-lo. Devemos a Schopenhauer a escolha de virar-nos robots graças ao pragmatismo ou ao marxismo. Também esses aspectos serão certamente ventilados nas próximas sextas-feiras. Em segundo lugar considerarei a vontade como realidade em si. Neste conceito o materialismo e idealismo do século 18 é definitivamente superado. Os idealistas e materialistas da atualidade são representantes de espécies extintas. Mas surge uma metafísica nova, que, por falta de um termo melhor, chamarei de "vitalismo". Concedendo, em sua epistemologia, um lugar de destaque ao corpo humano, Schopenhauer abre o caminho para uma glorificação da vida no sentido biológico, igualmente distante do conceito antigo do "zoon politikon", como do conceito medieval ~~em~~ do "filho de Deus", como do conceito moderno do "ser que pensa". O homem, agora, é real, porque é um animal, mas um animal tão animalesco que não quer ser animal, ele sabe que vai morrer e quer morrer. Isto conduz ao conceito do absurdo, a todo o complexo que se agrupa em redor do existencialismo, daquela filosofia da vivência, portanto da filosofia animalesca. Em terceiro lugar considerarei o conceito do nada, o qual, pela primeira vez desde a Idade Média, reaparece na ética, desta vez como valor supremo. Não creio que Schopenhauer avaliou o tremendo efeito que este conceito teria sobre o pensamento do Ocidente, não familiarizado com o Nirvana. Trata-se

Da vontade.

em Schopenhauer, de uma tentativa de aproximar o espirito ocidental à maneira de pensar indiana, mas o conceito do nada se transforma rapidamente no seu novo ambiente. Ele passa a adquirir um significado ontológico que lhe é estranho no Oriente, e se transforma do paraíso em horizonte da existencia, portanto em conceito angustioso. O caminho a partir do Nirvana Schopenhaueriano até a terrível frase de Rilke, que citarei logo, é uma ilustração abreviada do caminho do Ocidente nos últimos cem anos. A frase que tenho em mente é a seguinte: "Wir sind dem Urgrund unsres Seins nicht weiter lieb. Er wagt uns". Traduzirei tentativamente como segue: "O fundamento ontológico da nossa existencia nao nos tem muita estima. Ele nos empenha". Este fundamento ontológico é, para Rilke, o nada, (como explica expressis verbis uma linha subsequente do poema citado), desta maneira estamos, pela segunda vez, expulsos do paraíso, desta vez porém de um paraíso do nada, daquele nada que nadifica, para falar com Heidegger. O pessimismo schopenhaueriano é ingenuo e suave, se comparado com o nihilismo dos nossos pensadores. Para Schopenhauer o nada é o porto ao qual podemos nos refugiar em nossa fuga da realidade. Para os nossos pensadores o nada é aquele abismo que nos vomitou para engolir-nos de novo.

Em quarto e último lugar considerarei o aspecto dinamico do mundo schopenhaueriano. Como sabem, Schopenhauer é aluno e inimigo ferrenho de Hegel. No hegelianismo temos a dinamica ordenada e bem penteada da dialectica, que conduz razoavelmente a partir da ideia até o rei da Prussia, ou, em sua forma heretica, da matéria até o Supremo Soviet. Trata-se portanto de uma dinamica bem comportada, típica do século 18. Em Schopenhauer a dinamica persiste, mas a atmosfera muda diabólicamente. Agora a dinamica é de uma força que irrompe violentamente desordenadamente, brutalmente, é a vontade que se derrama qual lava da guela de um vulcao, semeando terror e infelicidade em seu caminho. Podemos naturalmente nos consolar dizendo que Hegel e Marx iluminam o aspecto classica da dinamica, enquanto que Schopenhauer e seus seguidores, como Darwin, Spengler e a moderna física e astronomia, iluminam o aspecto romantico do mesmo processo. Mas receio que, neste caso, Schopenhauer tinha uma visao mais profunda do problema, já que está sendo atualmente confirmado de todos os lados, da física, da psicologia, da economia, até da teoria da arte. A fascinação quase mórbida que o marxismo exerce sobre alguns espiritos ocidentais pode ser, em parte, explicada pela saudade que temos do conceito civilizado do dinamismo do século 18.

Passo por cima da estética schopenhaueriana, para nao carregar demasiadamente a discussao que se seguirá. Todos os pontos que salientei do mundo schopenhaueriano voltarão ainda muitas vezes à tona no curso dos nossos debates, já que formam alguns dos centros nervosos do nosso próprio pensamento.

Feita a analise do quadro pintado por Schopenhauer, convido-vos a contemplar comigo o efeito estetico da obra. Para tanto tomaremos uma pequena distancia do quadro, a distancia que nos proporcionam os cem anos que se passaram desde a morte do artista. Schopenhauer pertence ao grupo daqueles filosofos que chamei, na última semana, de poetas inspirados. A sua linguagem é nobre, o seu fervor é religioso. É dificil simpatizar com os seus pensamentos, mas é impossível nao concordar com grande parte deles, e ainda menos possível nao ser comovido pela sua força de convicção, seu poder visionário, pela sua personalidade gigantesca. Ele é um dos grandes, portanto um daqueles entre nós que sao provavelmente de que o homem participa de uma realidade que transcende o mundo daquilo que se nos representa. Schopenhauer é um bom argumento contra o sistema schopenhaueriano.

Peço-vos agora, de tentar alcançar aquele despreendimento, aquele dégageant intelectual e espiritual que sempre era sinal de uma verdadeira posição filosofica, para que possamos, de um ponto mais elevado, ganhar uma visao panoramica da paisagem, da qual Schopenhauer brotou. A partir desse ponto mais elevado nao serao visiveis os detalhes que acabo de discutir, mas tornará se evidente um caracter básico que marca todo pensamento filosofico a partir de Schopenhauer até os nossos dias e o distingue do pensamento anterior. Trata-se do conceito que o pensador tem, conscientemente ou inconscientemente, da realidade. Para Schopenhauer, a realidade é, basicamente, vontade. Portanto para ele o fundamento do mundo é um principio psicologico, um caracteristico da psique humana. Também para Hegel, ou para Leibniz, ou para Heraclito, se quiserem, o fundamento da realidade é psicologico, é ideia, ou alma, ou espirito, mas nesses casos nao se trata de principios da psique humana, mas sobre-humana. Em Schopenhauer a psique humana forma o centro ontologico do mundo. E se digamos que a alma humana esta exagerando. Uma parcela da alma humana, uma parcela de parte subconsciente, forma o centro ontologico do mundo. Nesta circunstancia deve ser procurado, ao meu ver, o divisor de águas. Durante a Idade Média

Da vontade.

e durante a Idade Moderna até Schopenhauer, o homem era parte da realidade, agora a realidade passa a ser parte do homem. A filosofia anterior discutia a posição do homem dentro e em face da realidade, afirmando, duvidando ou negando a sua capacidade de comprender, conhecer e governar essa realidade. A partir de agora o problema é outro, mesmo que seja formulado em terminologia idêntica. Trata-se agora de estudar, introspectivamente como na fenomenologia ou por outros métodos, ^{ou da história humana,} mais aparentemente mais externos, como análises da lógica, ou da língua, ou da arte, a capacidade humana de criar a realidade. Até agora o homem se sentia, conciente- ou inconcientemente, criatura. Agora ele passa a sentir-se criador. Deus foi morto e substituído pelo homem, conforme nos ensina Nietzsche em uma alegoria, talvez a mais característica de toda a atualidade. E repito que estou exagerando quando digo "homem". O que substituiu Deus não é o homem integral, é uma parte do homem, um infra-homem. É o homem qua vontade, ou qua dominador, ou qua ser instintivo, ou qua agente econômico, ou qua agente técnico, ou qua articulador, ou qua existencia, que cria a realidade, que é Deus. O nietzscheanismo, o bergsonismo, o marxismo, o pragmatismo, o logicismo, o existencialismo estão todos, inconcientemente, de acordo neste ponto básico, todos eles deificam o homem, sabem que cada qual uma outra parte do homem. O mesmo pode ser afirmado de Dilthey e de Husserl, de Cassirer e de Hartmann, de Croce e de Santayana. Sómente os Thomistas, os kantianos orthodoxos e os marxistas clássicos escapam a esta idolatria, e tem, em consequência, o estigma do anacronismo.

Em Schopenhauer a deificação do homem é incipiente, e portanto acompanhada de uma "malaise" intelectual e moral que se traduz em hipocrisia, desejo de suicídio, (portanto numa espécie de iconoclasmo), e em misantropia. A explicação me parece simples. Aquilo que Schopenhauer chama de "vontade" é, na realidade o Atman dos Hindus mal traduzido para o alemão, "Atman" significa "eu", ou melhor "Self", mas num sentido super-humano. "Vontade" significa o Eu infra-humano. Inconcientemente Schopenhauer sente a diferença que o conduz à idolatria e desespera. Os posteriores nada mais sentem, já perderam a capacidade de sentir a realidade, aquela capacidade comumente chamada "fé", e inclinam-se diante do ídolo do próprio Eu que criaram. Esse ídolo é uma caricatura do homem. É necessariamente uma caricatura, porque se subtraímos ao homem o seu aspecto transcendente, ele vira não "Ueberschensch", mas infra-homem. A deificação do homem o transforma em fera ou em autômato, em máquina de calcular ou em comedor de gente.

Todos os problemas filosóficos são marcados por essa reviravolta iniciada pela filosofia schopenhaueriana. A liberdade e necessidade, o conhecimento, o bem e o mal, a verdade, a criação artística, enfim todas as questões filosóficas são projetadas contra o fundo da posição central do homem na ontologia. E não somente os problemas filosóficos, mas todos os problemas da atualidade. A bomba, da qual falamos na última sexta-feira, não passa, vista deste prisma, de uma tentativa de destruição do ídolo, não passa de um suicídio coletivo. Porque começa a tornar-se evidente que a religião do homem é idolatria, e a volta a uma religião menos megalomaniaca, menos louca, parece impossível. A fé não pode ser forçada. Esboça-se, portanto, a fuga desordenada de uma posição insustentável, de um humanismo que, por ser humanista, deixou de ser humano. Nessa fuga do nosso próprio Eu desumano, e dos nossos produtos gigantescos de humanos, desses monstros como aviões a jato, cidades de dez milhões de habitantes, fábricas com um milhão de sócios, universidades onde a pesquisa é feita por comitês ad hoc constituídos, etc., nessa fuga de nós mesmos em direção à realidade perdida, procuramos ajuda e consolação na sabedoria dos antigos. A mim ocorre, neste contexto, a frase de Angelus Silesius, que também viveu numa época angustiada: "Mensch, was du liebst, in das wirst du verwandelt werden, Gott wirst du, liebst du Gott, und Erden, liebst du Erden." (Homem, naquilo que amas, serás transformado. Deus serás, se amas Deus, e terra, se amas terra). Mas com essa frase me aproximo de Kierkegaard, que será o tema da próxima sexta-feira.